



FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI | SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA 03 DE AGOSTO DE 2020 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (n.º 34) – (entrada livre)

O FEITICEIRO DE OZ

Título original: The Wizard of Oz

Realização: Victor Fleming (EUA, 1939);



O que faz de um filme um “clássico”? A sua qualidade intrínseca, é óbvio, mas, mais do que isso, a sua intemporalidade. Um clássico é um filme que se viu nos anos 40, nos 80 e se vê hoje em dia com idêntica satisfação (por vezes a patine do tempo acrescenta-lhe interesses renovados). Um intemporal, por muito que por vezes esteja intimamente ligado a um determinado período ou corrente estética. “O Feiticeiro de Oz” muito rapidamente conquistou esta designação, de todo em todo justa. Mas, para que o “clássico” o seja, é necessário que sucessivas gerações a ele tenham acesso. Se só se virem filmes recentes, como está quase a acontecer nas salas portuguesas ou nos canais de televisão generalistas, os “clássicos”, sem público, tendem

a ser esquecidos. Por isso é importante, sempre que possível, mostrar os clássicos e demonstrar, sobretudo às gerações mais jovens, que o cinema também tem uma História.

Vejam-se, portanto, os clássicos eternos, como é o caso de “O Feiticeiro de Oz”.

O FEITICEIRO DE OZ (1939)

“O Feiticeiro de Oz”, cuja realização aparece assinada por Victor Fleming, teve igualmente a colaboração de alguns outros realizadores, segundo rezam as lendas e proclamam os historiadores de cinema: Richard Thorpe rodou cerca de duas semanas, George Cuckor dirigiu dois ou três dias de filmagens, King Vidor terminaria a rodagem (sobretudo as sequências inicial e final, em Kansas) na última semana, pois Victor Fleming já estava noutra, ocupando-se de “E Tudo o Vento Levou”, Busby Berkeley como coreógrafo, mas também com funções de realizador em várias fases do projeto. Mas foi sobretudo o seu produtor David O. Selznick, um homem com mão de ferro e algum talento, que magicou toda a obra e a transformaria num “clássico” do “musical” e num dos melhores momentos da época de ouro da MGM.

“The Wizard of Oz”, enquanto musical e obra de eleição, conta com uma fabulosa partitura musical assinada por Harold Arden e E.Y. Harburg nas canções e música adicional de Herbert Stothart, que, conjuntamente com George Stoll, conduziu a orquestra da MGM nas sessões de gravação em estúdio. Mas sabe-se que mais nove compositores tiveram relevantes contribuições, escrevendo e orquestrando excertos desta lendária partitura. Estão neste caso George Bassman, Murray Cutter, Bob Stringer, Paul Marquardt, Leo Arnaud e Conrad Salinger, além de Roger Edens e Ken Darby, que se ocuparam dos arranjos vocais.

Se a génese musical desta obra foi complicada, não menos o terá sido na realização. Em 1939, a MGM, então uma das mais poderosas “majors” de Hollywood, tinha em produção, entre outros, dois mega-espetáculos: este “O Feiticeiro de Oz” e ainda “E Tudo o Vento Levou”. Curiosamente, ambos os filmes aparecem assinados por um mesmo realizador, Victor Fleming, ainda que em ambas as obras tivessem surgido vários outros realizadores.

Falemos então da realização de “O Feiticeiro de Oz”, que, como já vimos, foi muito acidentada. O arranque inicial é dado por Richard Thorpe, um realizador que no princípio da carreira se especializou em filmes de série B, ligado a quase toda a excelente série Tarzan interpretada por Johnny Weissmuller e que se tornará notado, nos anos 50, pelas suas aventuras históricas – “Ivanhoe”, “O Prisioneiro de Zenda” ou “Os Cavaleiros da Távola Redonda”. Richard Thorpe filma durante

doze dias, mas nada do que registou em película seria aproveitado na versão definitiva. Segue-se-lhe George Cukor, que ainda está menos tempo à frente do projeto, mas que acaba por ter uma contribuição decisiva na forma como dirige Judy Garland, ou não fosse Cukor um excelente diretor de atrizes. Cukor sai da realização de “O Feiticeiro de Oz” para ir tomar conta de “E Tudo o Vento Levou” e traçar o perfil de Scarlet O’Hara. Para a direção de “O Feiticeiro de Oz” vem, então, Victor Fleming, que assina 90% do material filmado. Mas, quando começam igualmente a surgir problemas com George Cukor e Sam Wood na realização de “E Tudo o Vento Levou”, a MGM envia Victor Fleming para acabar este filme e coloca o seu amigo King Vidor a terminar as sequências de Oz. Curiosamente, todas as cenas filmadas por King Vidor são das mais célebres desta obra – o arranque no Kansas e a sequência do tornado, ou a despedida de Dorothy de Munchkindland.

Victor Fleming, nascido a 23 de fevereiro de 1883, veio a falecer a 6 de janeiro de 1949. Inicialmente piloto de carros de corrida, Fleming estreou-se no cinema como fotógrafo, trabalhando com realizadores como Allan Dwan e David W. Griffith e atores como Douglas Fairbanks. Em 1919 passa a realizar as suas próprias obras. Mas é entre as décadas de 30 e 40 que assina as suas obras mais conhecidas, como “O Médico e o Monstro”, uma versão interpretada por Spencer Tracy e Ingrid Bergman, “A Star is Born”, “E Tudo o Vento Levou”, “O Feiticeiro de Oz” ou “Joana d’Arc”, seu derradeiro título, de 1948.



“O Feiticeiro de Oz” foi adaptado ao cinema por uma vasta equipa de que faziam parte os escritores e argumentistas Noel Langley, Florence Ryerson e E.A. Woolf, mas a que se haveria ainda de acrescentar a colaboração de alguns outros não incluídos no genérico oficial, como Arthur Freed, Herman Mankiewicz, Sid Silvers ou Ogden Nash. L. Frank Baum fora o autor de “The Wonderful Wizard of Oz” (romance escrito em 1899 e publicado no ano seguinte), que estaria na base do filme. Mas antes de surgir no cinema, passara pelo teatro, num “musical” que percorreu os EUA entre 1902 e 1903. A estreia deu-se na Grand Opera House, em Chicago, a 16 de junho de 1902, com atores de vaudeville, como David Montgomery (O Homem de Lata) e Fred Stone (O Espantalho). A 21 de janeiro de 1903, o mesmo show aparecia na Broadway, no Majestic Theatre, de Nova Iorque, para uma prolongada estadia de 290 representações (o maior êxito do ano!), que se estenderia depois a uma tournée pelos EUA que duraria até 1911.

Mark Evan Swartz, autor do livro “Oz Before the Rainbow”, aparecido em 2000, estabelece uma compilação das diferentes adaptações para cinema e teatro conhecidas antes da versão de 1939 e, depois, estabelecendo ainda uma listagem de obras diretamente influenciadas pelo filme de Fleming. Entre as versões cinematográficas citam-se: “The Wizard of Oz” (1908), “The Wonderful Wizard of Oz” (1910), com Bebe Daniels, uma criança de nove anos no papel de Dorothy, e ainda mais duas versões do mesmo ano, produzidas pela Selig Polyscope Company, uma “Dorothy and the Scarecrow in Oz” (1910), e outra “The Land of Oz” (1910). Em 1914, o próprio escritor, L. Frank Baum, produz três versões, todas oriundas da sua companhia, a Oz Film Manufacturing Company, “The Patchwork Girl of Oz”, “The Magic Cloak of Oz”, e “His Majesty, the Scarecrow of Oz”, que afirmam ser a que mais perto segue o livro. Em 1921, surge mais uma “The Wizard of Oz” e em 1925 outra, da Chadwick Pictures, com Bucha e Estica, sendo a realização de Larry Semon. Mas muitas versões mais se poderiam acrescentar à longa lista: “The Scarecrow of Oz” ou “The Land of Oz” (1931), uma curta-metragem de fantasia, uma versão canadiana, de 1933, sem diálogos e com algumas cenas a cores e em animação, uma outra versão de 1938, igualmente em animação.

Depois do filme que imortalizou Judy Garland, apareceu uma versão animada da cadeia de TV ABC, com o título “Off to See the Wizard” (1967) e Sidney Lumet, em 1978, dirigiu “The Wiz”, adaptação do musical da Broadway, de William F. Brown e Charlie Smalls, com Diana Ross na protagonista, e Michael Jackson na personagem de o “Espantalho”.

Sendo um dos filmes mais célebres e citados da história do cinema, natural é que seja igualmente dos mais parodiados e homenageados noutras obras de cinema. “The Muppet Movie” (1979) é uma delas, com uma viagem iniciática de Kermit a Hollywood (a sua Terra de Oz), onde, para lá de outras referências, surge uma versão atualizada de “Somewhere Over the Rainbow”, “The Rainbow Connection”. Mas podem referir-se muitas outras citações: “Under the Rainbow” (1981), “Ozu no Mahotsukai” (1982), animação de Takayama Fumihiko, “Return to Oz” (1985), com Fairuza Balk na figura de Dorothy, numa produção não musical e em imagem real dos estúdios Disney, o belíssimo filme de David Lynch, “Wild at Heart” (1990), que refere Oz, tal como a superprodução de Jan de Bont, “Twister” (1996), onde Dorothy é o nome do

tornado. Também Robert Zemeckis, em “Contact” (1997) não esquece Oz, nem a canção “Over the Rainbow”, ou um balão de ar quente com a inscrição impressa “This Way To Oz”. Em “Face/Off” (1997), de John Woo, “Over the Rainbow” é a canção que se ouve durante uma das cenas chave da película.

O caos que reinou durante as filmagens inspirou Steve Rash para realizar “Under the Rainbow” (1981), uma comédia louca com Chevy Chase, Carrie Fisher e Eve Arden, ambientada nos bastidores da rodagem do filme de 1939.

No teatro, há uma versão da Royal Shakespeare Company, em 1987, e, em 2003, estreia na Broadway um novo musical, desta feita devido a Stephen Schwartz, intitulado “Wicked”, e baseado no romance de Gregory Maguire, de 1995, “Wicked: The Life and Times of the Wicked Witch of the West”. No Radio City Music Hall de Nova Iorque todos os anos há uma curta série de espetáculos com uma versão musical, que recupera o filme de 1939 da MGM. Muito por onde escolher, portanto, mas nenhuma destas inúmeras citações faz jus à fama e celebridade deste filme, cuja canção “Over the Rainbow” foi considerada a melhor canção de sempre aparecida num filme. “O Feiticeiro de Oz” é, pois, há muito, um filme verdadeiramente “de culto” na história do cinema e, segundo estatísticas certamente falíveis, mas que se julgam mesmo assim irrecusáveis, o filme mais visto de sempre e, seguramente, um dos mais amados. Tendo em conta as vezes sem fim em que continua a passar pelos ecrãs de televisão de todo o mundo, esta é uma afirmação que não sofre grande contestação. Gerações e gerações de pais e filhos já viram, repetidas vezes até, **“O Feiticeiro de Oz”** e preparam o caminho para outras tantas gerações que aí estão, prontas a assistir às aventuras de Dorothy, uma rapariga do Kansas que, pela magia do cinema, consegue viajar “para lá do arco-íris”.

O livro começa assim: “Dorothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas, com o tio Henry, que era agricultor, e a Tia Em, que era a mulher do agricultor.” Muitos insistem na veracidade da inspiração do escritor, que tinha referências bem reais para as suas personagens. Mas deve dizer-se também que o romance se baseia vagamente em Lewis Carroll e na sua “Alice”. “O Feiticeiro de Oz” principia por uma sequência a preto e branco, realista, sendo a protagonista a pequena Dorothy, deixando os campos do Kansas, com o seu pequeno cão Totó, levada para um mundo de fantasia, essa Munchkindland de que fala a lenda, depois de um tornado ter devastado a sua aldeia. A seguir é a viagem encantatória, “beyond the rainbow”, por um mundo de fadas, feiticeiros, magos, onde os animais e as plantas falam e dançam, sempre na mira de chegar a Oz, referência final para o seu regresso à realidade e a casa. Na companhia de um espantalho, de um homem de lata e de um leão, Dorothy percorre um universo deliberadamente de estúdio, artificial, reconstruído, insólito e maravilhoso, onde muitas das pessoas com que se cruza diariamente no Kansas se transformam inconscientemente em personagens de um mundo imaginado, sonhado. Judy Garland é Dorothy, Ray Bolger o espantalho, Bert Lahr, o leão amedrontado, Jack Haley, o homem de lata. O encontro com os pequenos Munchkins e a visita ao castelo do feiticeiro de Oz são momentos de eleição desta obra-prima do cinema em feliz incursão pelos terrenos da fantasia.

É Dorothy quem explica esse mundo onde não existem problemas, “um lugar onde não se vai por barco ou comboio”, “um lugar longe, longe, para lá da lua, para lá da chuva”:

“Somewhere over the rainbow, way up high
There's a land that I've heard of, once in a lullaby
Somewhere over the rainbow, skies are blue
And the dreams that you dare to dream
Really do come true
Some day I'll wish upon a star
And wake up where the clouds are far behind me
Where troubles melt like lemon drops
Away above the chimney tops
That's where you'll find me
Somewhere over the rainbow, blue birds fly
Birds fly over the rainbow
Why then, oh why, can't I?”

Depois de percorrerem a estrada que conduz à Terra de Oz, a Yellow Brick Road, depois de terem derrotado a Bruxa Má do Oeste, Dorothy e os amigos são premiados pelo Feiticeiro de Oz que lhes permite cumprir os seus desejos mais íntimos – para Dorothy será o regresso a casa e à realidade a que procurou furtar-se e onde torna enriquecida pela experiência iniciática de uma viagem (tal como Alice). Maravilhoso, como o filme e a voz de Judy Garland.

Apesar de na sua estreia não ter tido muito sucesso, “O Feiticeiro de Oz” acabaria por ser reconhecido através dos tempos e julga-se hoje em dia que será o filme mais visto de sempre mercê das suas múltiplas passagens em canais de televisão de todo o mundo, com uma periodicidade regular e intensa.

A cerimónia de atribuição dos Oscars de 1939 ficou marcada por uma produção cinematográfica de altíssima qualidade. Vejam-se só os nomeados para a categoria de melhor filme do ano: “Dark Victory”, de Edmund Goulding, “Gone With the Wind”, de Victor Fleming; “Goodbye Mr. Chips”, de Sam Wood, “Love Affair”, de Leo McCarey; “Mr. Smith Goes to Washington”, de Frank Capra; “Ninotchka”, de Ernest Lubitch; “Of Mice and Men”, de Lewis Milestone; “Stagecoach”, de John Ford, “The Wizard of Oz”, de Victor Fleming e ainda “Wuthering Heights”, de William Wyler. No campo da comédia musical, “O Feiticeiro de Oz” ganhou tudo o que tinha a ganhar: melhor banda sonora, da autoria de Herbert Stohart, e melhor canção, “Over the Rainbow”, de Harold Arlen, música, e E.Y. Harburg, lírica. Mas o filme seria ainda nomeado, como já vimos, na categoria de melhor filme do ano (produtor Mervyn LeRoy), perdendo para “E Tudo o Vento Levou”, do mesmo Victor Fleming, para lá de disputar os Oscars de melhor decoração de interiores, para Cedric Gibbons e William A. Horning, melhor fotografia a cores, para Hal Rosson, e melhores efeitos especiais, de som e imagem. Judy Garland ganharia ainda uma estatueta miniatura, destacando o seu trabalho como atriz jovem.

Caso raro nos Oscars, um realizador competiu consigo próprio: Victor Fleming encontrou-se em competição com... Victor Fleming de “Gone With the Wind”.

Num dos números da revista “American Quarterly” de 1967, o estudioso Henry M. Littlefield estabelece uma curiosa versão para a interpretação do romance de L. Frank Baum, “The Wonderful Wizard of Oz”, que associa a uma parábola política sobre o Populismo, associando-o mesmo à eleição presidencial de 1896 e ao movimento populista do virar do século XIX para o XX. As conotações e referências diretas são múltiplas. Aqui ficam apenas algumas: o Espantalho refere-se aos sensatos mas inocentes agricultores do Oeste; O Homem de Lata remete para os operários das fábricas do Este e a sua desumanização, a Bruxa Má do Oeste seria um símbolo dos industriais e banqueiros do Este que controlavam o povo (os Munchkins), as Bruxas boas do Norte e do Sul destinam-se aos poderosos movimentos populistas, o Feiticeiro de Oz tanto poderia ser o Presidente Grover Cleveland, como o candidato republicano William McKinley, e o Leão medroso poderia ser lido como referência ao candidato democrata, William Jennings Bryan. Dorothy seria a natureza bondosa e saudável do povo norte-americano. Oz poderia ser a abreviatura de “ounce” (onça). Emerald City seria Washington, D.C. Como em todas as viagens iniciáticas, a simbologia abre-se às mais diversas interpretações.



O FEITICEIRO DE OZ

Título original: The Wizard of Oz

Realização: Victor Fleming, e ainda não creditados na versão final Richard Thorpe, King Vidor (sequências de Kansas) (EUA, 1939); **Argumento:** Noel Langley, Florence Ryerson, Edgar Allan Woolf, (e ainda, não creditados na versão final, Irving Brecher, William H. Cannon, Herbert Fields, Arthur Freed, Jack Haley, E.Y. Harburg, Samuel Hoffenstein, Bert Lahr, John Lee Mahin, Herman J. Mankiewicz, Jack Mintz, Sid Silvers) segundo romance de L. Frank Baum (“The Wonderful Wizard of Oz”); **Música:** George Bassman, George E. Stoll, Robert W. Stringer, e ainda Harold Arlen (canções), H.R. Bishop (canção "Home

Sweet Home"), Felix Mendelssohn-Bartholdy ("Scherzo in E Minor"), Modest Mussorgsky ("A Night on Bald Mountain"), Robert Schumann ("Happy Farmer"), Herbert Stohart (do filme "Marie Antoinette"), Egbert Van Alstyne ("In the Shade of the Old Apple Tree"); **Fotografia (p/b e cor):** Harold Rosson; **Montagem:** Blanche Sewell; **Design de produção:** Malcolm Brown, William A. Horning, Jack Martin Smith; **Direção artística:** Cedric Gibbons, George Gibson; **Coreografia:** Busby Berkeley (uma sequência não incluída na versão final); **Decoração:** Edwin B. Willis; **Guarda-roupa:** Adrian, Sheila O'Brien, Jack Rohan; **Maquilhagem:** Jack Dawn; **Direção de produção:** Ulric Busch, Joe Cook, Louis B. Mayer, Keith Weeks; **Assistentes de realização:** Al Shenberg; **Departamento de Arte:** William A. Horning, Harry Edwards, A.D. Flowers, Gerald F. Rocket, Elmer Sheeley; **Som:** Douglas Shearer; **Efeitos especiais:** A. Arnold Gillespie; **Efeitos visuais:** Rik Panero; **Produção:** Mervyn LeRoy, Arthur Freed; **Intérpretes:** Judy Garland (Dorothy Gale), Frank Morgan (Prof. Marvel, Emerald

City, The doorman, The cabbie, o guarda de The Wizard, The Wizard of Oz), Ray Bolger (Hunk, o Espantalho), Bert Lahr (Zeke, o Leão Cobarde), Jack Haley (Hickory, o Homem de lata), Billie Burke (Glinda, a boa feiticeira do Norte), Margaret Hamilton (Miss Gulch, a malvada feiticeira do Oeste, a malvada feiticeira de Este), Charley Grapewin (Tio Henry), Pat Walshe (Nikko), Clara Blandick (Tia Em), Terry (cão Toto), Gladys W. Allison, Nick Ângelo, John Ballas, Franz 'Mike' Balluck, Josefina Balluck, John T. Bambrury, Viola Banks, Dorothy Barrett, Amelia Batchelor, Charles Becker, Freda Besky, Billy Bletcher, Henry Boers, Theodore Boers, Robert Bradford, Lorraine Bridges, Buster Brodie, Tyler Brooke, Christie Buresh, Eddie Buresh, Lida Buresh, Betty Ann Cain, Mickey Carroll, Adriana Caselotti, Colonel Casper, Lois Clements, Harry Cogg, Pinto Colvig, Nona Cooper, Tommy Cottonaro, Elizabeth Coulter, Lewis Croft, Frank H. Cucksey, Billy Curtis, Ken Darby, Eulie H. David, Eugene S. David Jr., Sid Dawson, Ethel W. Denis, Prince Denis, Hazel I. Derthick, Abe Dinovitch, Jon Dodson, Gracie Doll, Tiny Doll, Major Doyle, Daisy Earles, Harry Earles, Zari Elmassian, Carl M. 'Kayo' Erickson, Fern Formica, Addie E. Frank, Thaisa L. Gardner, Jackie Gerlich, William A. Giblin, Jack Glicker, Carolyn E. Granger, Phil Harron, Joseph Herbst, Jacob Hofbauer, Shep Houghton, Clarence C. 'Major Mite' Howerton, Helen M. Hoy, Marguerite A. Hoy, James R. Hulse, Charles Irwin, Lois January, Delos Jewkes, Lois Johansen, Virgil Johanson, Robert Kanter, Charles E. Kelley, Jessie E. Kelley, Joan Kenmore, Shirley Ann Kennedy, Frank Kikel, Bernard 'Harry' Klima, Emma Koestner, Mitzi Koestner, 'Willi' Koestner, Karl 'Karchy' Kosiczky, Adam Edwin Kozicki, Joe Koziel, Dolly Kramer, Emil Krantzler, Nita Krebs, 'Little Jeane' LaBarbera, Hilda Lange, Johnny Leal, Ann Rice Leslie, Mitchell Lewis, Bud Linn, Prince Ludwig, Dominick Magro, Carlos Manzo, Howard Marco, Jerry Maren, Johnny Maroldo, Marie Maroldo, Dona Massin, Bela 'Ike' Matina, Lajos 'Leo' Matina, Matthew 'Mike' Matina, Patsy May, Walter Miller, George Ministeri, Abraham Mirkin, Pricilla Montgomery, Harry Monty, Yvonne Moray, Lee Murray, Nels P. Nelson, Margaret C.H. Nickloy, George Noisom, Franklin H. O'Baugh, William H. O'Docharty, Little Olga, Hildred C. Olson, Frank Packard, Nicky Page, Leona M. Parks, Margaret Pellegrini, Johnny Pizo, 'Prince Leon' Polinsky, Lillian Porter, Meinhardt Raabe, Margie Raia, Matthew Raia, Fredreich 'Freddie' Retter, 'Little Billy' Rhodes, Gertrude H. Rice, Hazel Rice, Elvida Rizzo, Rad Robinson, Ruth Robinson, Sandor Roka, Betty Rome, Jimmy Rosen, Donald Rothay, Charley F. Royale, Helen J. Royale, Stella A. Royale, Albert Ruddinger, Sawhorse, Ambrose Schindler, Elise Schultz, Rolfe Sedan, Valerie Shepard, Charles Silvern, Earl Slatton, Oliver Smith, Ruth E. Smith, Elmer Spangler, Robert St. Ângelo, Harry Stanton, Parnell St. Aubin, Carl Stephan, Alta M. Stevens, George Suchsie, Ralph Sudam, Charlotte V. Sullivan, August Clarence Swenson, Betty Tanner, Carol Tevis, Arnold Vierling, Bobby Watson, Gus Wayne, Victor Wetter, Grace G. Williams, Harvey B. Williams, Gladys V. Wolff, Murray Wood, etc. **Duração:** 101 min /112 min; Distribuição em Portugal: Warner; Classificação etária: M/ 6 anos.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI | SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 2020

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO (n.º 35) 21H00 (entrada livre)

Filme: EXCALIBUR

Título original: "Excalibur"

Realização: John Boorman (EUA, 1981) - Duração: 140 minutos | M/12 anos